

As Meditações do Quixote como crítica literária humanista

Las Meditaciones del Quijote como crítica literária humanista

Eduardo Cesar Maia

Recibido: 15-Julio-2012 | Aceptado: 28-Septiembre-2012 | Publicado: 10-October-2012

© El autor(es) 2012. | Trabajo en acceso abierto disponible en (♻️) www.disputatio.eu bajo una licencia (CC)

La copia, distribución y comunicación pública de este trabajo será conforme la nota de copyright. Consultas a (✉) boletin@disputatio.eu

PRIMEIRA OBRA PUBLICADA EM FORMATO DE LIVRO pelo filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), as *Meditações do Quixote* (1914) são a primeira parte de um projeto que nunca chegou a se realizar da maneira prometida inicialmente pelo pensador. O breve ensaio seria somente o início de uma sequência de dez «meditaciones» ou, para usar um termo caro a Ortega e aos humanistas espanhóis do século XVII: «salvaciones». Ainda que o projeto não tenha sido totalmente realizado, esse texto, sozinho, foi conquistando (muito lentamente, diga-se) uma importância fundamental no pensamento literário espanhol e em outros países. Afirimo que essa influência foi predominantemente *literária*, porque filosoficamente a obra até hoje é colocada sob suspeita, considerada por muitos uma bela peça de retórica, mas carente de estrutura e rigor, de sistematização e método. Essa visão, bastante comum, é fruto de uma compreensão unilateral – ainda que hegemônica – da palavra e do texto filosóficos, caracterizada por uma obediência estrita aos limites de uma linguagem puramente lógico-formal, conforme ao primado estritamente racionalista, de ordem platônico-cartesiana, da tradição dominante – aquela que se pauta pela busca de grandes verdades, universais e necessárias, da certeza absoluta e do conhecimento objetivo. Mas deixemos o afã classificatório e a ânsia de definições para os filósofos e teóricos. Meu objetivo aqui é de outra ordem.

As Meditaciones del Quijote, texto que em 2014 completará um século de existência, é um verdadeiro manancial de reflexões diretas ou indiretas sobre a atividade da crítica literária. O estilo bastante peculiar de ensaio literário que o autor realiza com essa obra já seria, per se, uma grande contribuição ao gênero crítico. Diz Ortega que suas *Meditaciones*

E. C. Maia (✉)
Universidad de Federal de Pernambuco, Brasil
email: eduardocesarmaia@gmail.com



NOTA

«Carecem por completo de valor informativo»; parecer-se-iam mais com as já mencionadas *salvaciones*, um gênero textual associado aos grandes humanistas espanhóis, mas que já havia caído em desuso. A menção explícita ao humanismo aqui não é gratuita: neste momento o filósofo supera preconceitos anteriores (Ortega é formado filosoficamente dentro do idealismo alemão, juntos aos chamados neokantianos de Marburgo), e passa, não sem relutância, a reconhecer a relevância e atualidade de uma tradição filosófica e retórica — a do humanismo — desprezada pelo racionalismo dominante desde Descartes. Não obstante tal reconhecimento, ele ainda manterá por muito tempo a firme crença na superioridade das culturas grega (clássica) e germânica frente à tradição de pensamento latina. Ortega afirma sobre Giambattista Vico, por exemplo, um dos ápices da cultura humanista, que sua obra é um caos e que os pensadores latinos pecam por imprecisão conceitual, falta de rigor e por uma espécie de anarquia intelectual.

O filósofo espanhol entende que os latinos preferiam a sensação viva das coisas, escolhiam ficar com as impressões; eram sensualistas antes de tudo: «os latinos chamam isso de Realismo». Ortega, ainda que agora reconheça que ele mesmo faz parte da continuidade histórica dessa cultura (a mediterrânea), terá daí por diante como uma meta intelectual pessoal a síntese entre estas duas formas distintas de compreender as coisas, a impressionista e a conceitualista: «A impressão é filiada, submetida à civilidade, pensada — e deste modo passa a cooperar no edifício de nossa personalidade». As bases do famoso *raciovitalismo* orteguiano aparecem pela primeira vez nesta *vontade de síntese* «Jamais nos dará o conceito aquilo que nos dá a impressão, a saber: a carne das coisas. O conceito, por sua vez, dá-nos o *sentido* físico e moral das coisas». O pensamento não é anterior às coisas, à realidade, mas «ao destronar a razão, cuidemos de pô-la em seu lugar. Nem tudo é pensamento, mas sem ele não possuímos nada com plenitude». Diferentemente do pensamento racionalista, para Ortega, o mediterrâneo teria a capacidade de «apalpar com a pupila a pele das coisas». Observe-se nessa citação, que poderia funcionar perfeitamente como um verso poético, a força estética e a capacidade retórica e discursiva que tem a aliteração (a repetição do som consonantal da letra *p*) ao provocar uma sensação tátil, espécie de *metáfora sensível* daquilo que ele está argumentando. Fica claro nessa passagem que a filosofia orteguiana, a partir dessas *Meditaciones*, sobrepassa os estreitos limites de uma linguagem puramente silogística, formalizada, conforme ao racionalismo da tradição filosófica dominante.

A partir desse reconhecimento, Ortega começa a tomar definitivamente, ainda que com alguns senões e relutâncias, o caminho da tradição humanista, mas, note-se, não como mera repetição de um modelo recebido e adotado mecanicamente, mas a partir de um olhar literário e filosófico renovado, dilatado e atento aos problemas de seu tempo, às suas circunstâncias particulares. Daí surge uma nova visão, em que crítica literária e filosofia caminham juntas, indissociáveis. Termos como *reverberação*, *conexão*, *relação*, *compreensão*, entre outros, repetidos e destacados muitas vezes no ensaio, deixam patente que, a partir de então, a preocupação maior da crítica orteguiana (de suas *salvaciones*) será a de encontrar o sentido *vital* das obras lidas, quer dizer, as relações da literatura com as preocupações humanas concretas, contingenciais e historicamente situadas, afastando-se cada vez mais

da preocupação com uma utópica universalidade abstrata. A filosofia passa a ser entendida como «ciência geral do amor», pois o que deve buscar é estabelecer conexões: «Dado um fato — um homem, um livro, um quadro, uma paisagem, um erro, uma dor — levá-lo pelo caminho mais curto ao seu máximo significado». A crítica como ato de *potenciar* um texto.

Em crítica literária, isso significará uma busca de todas as reverberações possíveis que a obra pode ensejar no seu diálogo com as circunstâncias e com a intimidade do crítico. Tal tipo de abordagem crítica não pode nunca ser obra de um mero especialista, um técnico versado nos aspectos *exclusivamente* literários das obras, como propuseram algumas correntes e teorias críticas formalistas e pretensamente científicas do século passado. Ortega estava basicamente preocupado com a compreensão de sua particular circunstância e com tudo o que se relaciona com ela: o livro concreto é um elemento mais que está aí para ser compreendido; e compreender é por em relação, é estabelecer, a partir uma perspectiva individual, uma conexão integradora, analógica (metafórica), e criadora de significados vitais. Tomando como critério essa perspectiva orteguiana em relação aos estudos literários, careceria de qualquer sentido decretar fronteiras absolutas entre a crítica literária, a crítica cultural em general e a atividade filosófica. Coisa muito semelhante ao que o filósofo norte-americano Richard Rorty viria a propor mais de sessenta anos depois.

A defesa de uma crítica potenciadora dos textos — uma crítica amorosa — explica-se simplesmente no argumento de que aperfeiçoar as coisas concretas que estão ao nosso redor (o que nos é circunstante) significa aperfeiçoar-nos a nós mesmos, possibilitando uma «ampliação da individualidade», através da capacidade do homem de organizar sentimentalmente a realidade. Segundo o filósofo, «O crítico deve introduzir no seu trabalho todos aqueles utensílios sentimentais e ideológicos a partir dos quais o leitor médio pode receber a impressão mais intensa e clara da obra que seja possível». A crítica, entendida como gênero *afirmativo*, deve se preocupar não prioritariamente com a repreensão dos possíveis erros de um autor, mas com «dotar o leitor de um órgão visual mais perfeito». A obra somente se completaria «completando sua leitura». É evidente que neste ponto Ortega se adianta em algumas décadas à chamada Teoria da Recepção.

A predisposição em aceitar amorosamente as coisas, um ponto central das Meditações, é, portanto, também uma atitude filosófica, na medida em que possibilita uma abertura à compreensão da realidade sem submissão a dogmatismos ideológicos ou imperativos morais. Ortega reconhece que é muito difícil deixar o juízo constantemente aberto a reformas, à mudança — tolerante a diferentes perspectivas —, pois «abraçamos um imperativo moral como forma de simplificar a vida, aniquilando porções imensas do universo». Uma crítica literária que tenha como base *aprioris* ideológicos — como muitas vezes observamos dentro dos chamados *Estudos Culturais*, que costumam ter forte inspiração marxista e feminista, por exemplo (sem contar as regras rígidas do *politicamente correto*)—, baseia-se, em uma «ficção de heroísmo», em um afã justiceiro que termina por se sobrepôr à vontade de compreensão da variedade imensa da vida, das diversas perspectivas e valores humanos e da complexidade da realidade, que sempre supera nossa capacidade de teorizar sobre

ela. Ortega, por sua vez, tomando um caminho contrário, adverte que, ainda que sejam convicções pessoais o que ele apresenta em suas críticas, «não pretendem ser recebidas pelo leitor como verdades. Eu só ofereço *modi res considerandi*, possíveis maneiras novas de olhar as coisas. Convido o leitor que ensaie por si mesmo».

«Eu creio que não é a missão mais importante desta (a crítica) taxar as obras literárias, distribuindo-as em boas ou más. Cada dia me interessa menos sentenciar: no lugar de ser juiz das coisas, vou preferindo ser seu amante». Não obstante esse imperativo do amor, que entrará como ponto fundamental nessa nova definição de crítica proposta por Ortega, o crítico literário continuará exercendo sua função básica de julgamento: o amor pelos textos não significa mera contemplação ou compreensão acrítica das obras literárias: pelo contrário, trata-se de uma radical exigência vital sobre elas, uma exigência de pertinência em relação às circunstâncias vitais. Permanece implícita para o labor crítico a função de emissão de juízos de valor, de avaliações axiológicas, mas nunca dogmaticamente, ou por mera disputa vazia, pois «o ódio impede uma verdadeira apreciação. A crítica pode ser antagonista e polêmica, mas nunca basear-se no ódio». O tema, bastante recorrente no pensamento do filósofo, acerca da *necessidade humana de construção de hierarquias*, «sem as quais o cosmos volta ao caos», é também considerado uma das razões que legitimam a crítica, porque «louvar o que não é louvável é confundir a cultura».

Outra dimensão filosófica — e humanista — da crítica literária e cultural orteguiana se faz patente nas *Meditaciones*: «O ato especificamente cultural é criador, aquele em que extraímos o logos de algo que ainda era insignificante (i-lógico)». Quer dizer, o fundamento primeiro dos significados humanos, sejam morais ou estéticos, não está nas coisas, ou em um plano ideal superior que devemos alcançar com a ajuda da razão *pura*, mas em nossa capacidade *engenhosa* (para usar um termo caro ao grande humanista Baltazar Gracián) de utilizar a linguagem para estabelecer relações — analogias, comparações, transferências (metáforas) — entre as percepções sensíveis imediatas, as nossas necessidades vitais e os valores da tradição, aos que de alguma forma *pertencemos* porque os herdamos historicamente (fazemos parte, invariavelmente, de uma tradição cultural já formada que nos antecede).

Os sentidos vitais não estão nas coisas, independentes da perspectiva humana que as realiza, mas tampouco são criações arbitrárias da linguagem: surgem de uma relação muito dinâmica e complexa em que a capacidade metafórica da linguagem desempenha um papel fundamental e criador. Necessitamos, pois, «*buscar* o sentido do que nos rodeia» porque a «reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem». A vida é entendida assim como um problema de individualização. Em oposição aos apriorismos fenomenológicos e abstrações neokantianas, o Ortega das *Meditaciones* concebe o problema da vida como a preocupação de um *eu* que busca sua identidade em uma circunstância ou âmbito de possibilidades concretas.

Tal concepção confere um posto privilegiado à crítica de literatura e ao saber literário em geral, pois os mesmos passam a serem considerados meios radicais de investigação

e de criação de novas realidades e valores para a vida humana. Assim entendido, todo labor crítico sobre a cultura é uma forma de interpretação — esclarecimento, explicação, exegese — *ativa* da vida, o «texto eterno». Essa forma de compreender a crítica literária — de característica profundamente humanista — pressupõe o entendimento de que a literatura pode ter uma função criativa, cognitiva e ética, pois permite uma «ampliação e enriquecimento da experiência moral».

Uma das consequências mais claras e palpáveis até hoje da tendência à extrema especialização da crítica literária, promovida pela ascensão das teorias no século 20, foi que, atualmente, uma parte muito escassa da crítica voltada para o público médio, o chamado *common reader*, tem a preocupação e a capacidade de estabelecer conexões entre campos distintos do conhecimento humano e as necessidades da vida concreta; a alta literatura se tornou um tema para especialistas acadêmicos e para os próprios literatos: um mundo fechado em si mesmo, autotélico. O caminho proposto e *mostrado* por Ortega y Gasset em seu ensaio sobre o *Don Quijote* e as circunstâncias espanholas é uma via alternativa a essa situação atual; nas *Meditaciones* há uma estética, uma poética e uma ética, mas a própria estrutura integrada e integradora do ensaio sugere que seria contraproducente e falsificador qualquer tentativa de separação artificial dessas dimensões fundamentais da vida do homem.

A tarefa que o filósofo Ortega atribui ao crítico Ortega de *contagiar* os demais com o amor pelas circunstâncias não significa especificamente fazer com que o leitor ame uma obra literária concreta, mas buscar, através de uma capacidade ao mesmo tempo analítica e criativa, estabelecer relações essenciais entre um determinado livro e as circunstâncias vitais, fazendo com que o leitor renove sua própria perspectiva, e que possa observar por si mesmo pontos e relações novos. Por exemplo: «Por um estudo crítico sobre Pío Baroja [romancista espanhol da chamada *Geração de 98*], entendo o conjunto de pontos de vista a partir dos quais seus livros adquirem uma significação potenciada. Não se estranhe, pois, que se fale pouco do autor e ainda dos detalhes de sua produção; trata-se precisamente de reunir tudo aquilo que não está nela, mas que a completa, de proporcionar a atmosfera mais favorável».

Por tudo isso, crítica literária de Ortega y Gasset é tantas vezes digressiva, indireta, circular, muito próxima estilisticamente daquilo que humanistas como Baltazar Gracián, Luís Vives ou Michel de Montaigne, realizaram antes dele. Assim ele define sua forma de aproximação ao *Dom Quixote*: «Uma obra do nível do *Quixote* tem que ser tomada como Jericó. Em amplos giros, nossos pensamentos e nossas emoções, devem ir se estreitando lentamente».

O importante para uma crítica como essa não é estabelecer uma norma metodológica rígida, um critério de verdade que garanta certezas nos julgamentos ou uma teoria geral da interpretação que dê conta de proporcionar juízos seguros sobre todas as obras literárias, independentemente da situação contextual e do caráter particularíssimo de cada criação artística. Mais importante do que extrair uma verdade, um segredo ou uma interpretação

exata de um texto, é dar-lhe *vida*, mostrar sua pertinência e relações com as preocupações humanas concretas, sejam elas sociais ou individuais. A obra, assim compreendida, é, antes de tudo, uma interpelação existencial, uma demanda e um questionamento lançado ao mundo pela perspectiva de um escritor, preso necessariamente a sua própria circunstância; a crítica, por sua vez, é uma segunda interpelação, dessa vez de caráter dialogal, e nunca simplesmente uma palavra final sobre um texto.



INFORMACIÓN DEL AUTOR | AUTHOR AFFILIATIONS

Nombre y Apellidos: Eduardo Cesar Maia
Cargo o Puesto: Investigador — CAPES
Afiliación y Dirección Departamento de Letras
Institucional: Universidad Federal de Pernambuco
Rua Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Cidade Universitária
Recife - PE - Brasil. CEP: 50740-53
Grado Académico : Doctorando en Letras [≈Ph.D. (c)]
Afiliación Institucional: Universidad Federal de Pernambuco
Email: eduardocesarmaia@gmail.com

INFORMACIÓN DEL TRABAJO | WORK DETAILS

Nombre del Trabajo: *As Meditações do Quixote* como crítica literária humanista
Nombre de la Revista: Disputatio. Philosophical Research Bulletin
ISSN: 2254-0601
Numeración de la Revista: Vol. 1, No. 2, pp. 32-37
Fecha de Publicación: Diciembre de 2012
Periodicidad: Semestral
Lugar de Publicación: Salamanca - Madrid
e-mail: (✉) boletin@disputatio.eu
web site: (🌐) www.disputatio.eu

NOTA EDITORIAL | EDITORIAL NOTE

Tipo de trabajo: Artículo. Original
Reeditado de Ninguno
Licencia: © BY \$ = 3.0 Unported.
Con permiso del autor
Separata: No
ISBN: No